

Método complexo e desafios da pesquisa*

Maria da Conceição de Almeida

A Vontade de Ordem

O que é uma pesquisa científica? É olhar o que ninguém olhou, ver o que ninguém viu? É olhar o que outros já olharam e ver o que não viram? É olhar o que já olharam, ver o que já foi visto e articular dimensões que não foram compreendidas? É observar sistematicamente novos indícios sobre fenômenos já estudados com vistas a compreender suas transformações?

Mesmo que oscile entre esses postulados, a pesquisa pode ser considerada como uma atividade de ponta na construção de narrativas científicas sobre os fenômenos do mundo, sejam esses fenômenos físicos, metafísicos, culturais, microscópicos ou macroscópicos. É por meio dessa atividade que os conhecimentos acumulados são ampliados, transformados, ganham historicidade e se mantêm vivos – porque em permanente metamorfose.

De uma perspectiva antropológica, isto é, no que diz respeito às aptidões humanas de duplicar e representar o mundo, imputar sentido às coisas e relacionar informações, a pesquisa emerge da curiosidade e do desejo de ordenar o caos. Perguntar e responder *por que e como as coisas são como são*, bem como estabelecer causas, dinâmicas, direções e duração dos fenômenos configuram, juntos, o horizonte maior da atitude investigativa nos humanos. Tal atitude, que ganha contextos e contornos diferenciados na produção da ciência, excede a esse domínio uma vez que alimenta também outras constelações narrativas e estéticas do pensamento, como a especulação filosófica, os mitos e a arte. Bem-vistas as coisas, poder-se-ia afirmar que, no domínio da ciência, a pesquisa é a metamorfose, em patamares hiper-complexos, da curiosidade e da vontade de ordem que estão na base da condição humana.

Como toda construção humana, entretanto, a concepção do que venha a ser pesquisa vai mudando de acordo com o desenvolvimento histórico da ciência, articulado ao surgimento de problemas e fenômenos que exibem uma face nova, ou até então impossível de ser concebida. Certamente os princípios que orientavam o tratamento sistemático de um tema ou problema no tempo de René Descartes diferem,

* ALMEIDA, Maria da Conceição de. Método complexo e desafios da pesquisa. ALMEIDA, M.C.; CARVALHO, E.A. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2009. p. 97-111.

fundamentalmente, dos princípios em construção hoje no cenário de uma ciência complexa e transdisciplinar. Estamos, sobretudo a partir das primeiras décadas do século passado, a viver o tempo de uma bifurcação no que diz respeito ao modo de articular informações para construir conhecimento. Tal bifurcação se afasta das posturas estritamente analíticas do velho paradigma do Ocidente, que consagrou os mitos da neutralidade científica e da separação entre sujeito e objeto, e elegeu a sequência observação/demonstração/verificação/experimentação/comprovação como o modelo padrão para compreender a realidade.

A vontade de impor ordem ao caos, tão importante nas narrativas míticas e científicas, por vezes se converte em *sentimento de ordem*. Essa conversão da vontade em sentimento ocorre de forma análoga ao que acontece com a *ideia de verdade* quando se transforma em *sentimento de verdade*, conforme discute Edgar Morin no *Método 3* (1999, p. 160-162). Assim, durante a consolidação das ciências modernas – nascidas no século XVII – uma obsessão pela procura da ordem se estabelece como um princípio inegociável do sujeito cognoscente. Não percebida como uma construção do pensamento, a ordem passou a ser compreendida como uma evidência, o que acaba por oferecer ao cientista uma “paz infinita, alegria infinita”, como fala Morin (1999). Para ele,

em Descartes, a evidência nasce do acordo estabelecido entre a Ordem do Espírito (as ideias claras e distintas) e a Ordem do Universo. Pode ser mesmo que, na base de todo conhecimento intelectual, a harmonia que parece estabelecer-se por ‘adequação entre o intelecto e a coisa’ (definição clássica de verdade) comporte o sentimento de evidência (MORIN, 1999, p. 162).

Mas isso não é tudo. Como desdobramento e ampliação do sentimento de ordem e de defesa da evidência, dois cenários passam a estabelecer o protocolo padrão das práticas investigativas. Problematizaremos agora esses cenários.

O primeiro cenário diz respeito à suposição de uma realidade imutável, autônoma e independente do observador. Dessa perspectiva, seriam suficientemente boas e rigorosas técnicas de observação e experimentação para que o fenômeno deixe aparecer a ordem que lhe é subjacente. Ora, toda observação é datada e apenas permite expor o momento atual da dinâmica de um fenômeno sob certas circunstâncias e contextos. As coisas e os fenômenos têm uma história, evoluem, se transformam em

parte, se auto-organizam intrinsecamente ou auto-eco-organizam-se. Daí porque toda generalização é perigosa, uma vez que é, quase sempre, uma ampliação indevida das escalas de tempo e espaço em relação a uma situação fenomênica parcial, eventual. A pesquisa, nesse sentido, é um artifício cognitivo que congela e paralisa momentaneamente o real, como condição para construir narrativas interpretativas. Quanto ao real fenomênico, ele mesmo continua seu fluxo, sua história, sua evolução. Assim como para Edgar Morin, essa concepção também está na base do pensamento de Ilya Prigogine, para quem “até mesmo nas ciências fundamentais há um elemento temporal, narrativo, e isso constitui o ‘fim das certezas’” (PRIGOGINE, 2001, p. 16). Mais que isso, diz Prigogine, há criatividade no seio da natureza, sendo a criatividade humana uma emergência da criatividade geral. No contexto do pensamento complexo e das ciências da complexidade, a atividade da pesquisa só poderia ser, então, “um diálogo com a natureza” (PRIGOGINE, 2001) e nunca a dissecação de um cadáver, de um fragmento morto, sem vida e inerte.

O segundo cenário se caracteriza pela supervalorização da redundância e da repetição dos fenômenos, o que significa suprimir ou reduzir a importância da desordem, da variação e dos desvios. Na grande maioria das pesquisas científicas, as metodologias e técnicas de abordagem se restringem a delimitações apriorísticas de categorias e variáveis que têm por finalidade “captar” a dinâmica geral e o padrão dos fenômenos estudados. O auxílio de técnicas estatísticas que tratam com “precisão” do desvio padrão, dos coeficientes de representatividade e da redução do erro é compreendido como verdadeiro passaporte para a “constatação” de como o fenômeno é e se desenvolve. Se tais técnicas de aferir a invariância são proveitosas para determinados fenômenos de baixa complexidade, elas não permitem compreender os fluxos de vida dos sistemas complexos, que operam longe do equilíbrio (PRIGOGINE, 2001). Ordem-desordem, padrão-desvio, repetição-variação são pares indissociáveis, conforme as ciências da complexidade. E mais. Em se tratando de fenômenos culturais, é sobretudo o que se apresenta como marginal e desviante (portanto o que as pesquisas obcecadas pela ordem e pelo padrão não levam em conta) que se constitui em provável tendência que se tornará padrão no futuro. A história humana está repleta de exemplos a esse respeito: pequenos grupos minoritários com novas ideias religiosas, morais, éticas ou ecológicas (exemplificados por Jesus Cristo, Gandhi e pelos movimentos feministas e ecológicos nas décadas de 1960 e 1970) ajudam a visualizar a importância do desvio e da desordem na história humana.

De forma ousada, Ilya Prigogine amplia esse argumento. Sem reduzir a força do que é coletivo, ele dá destaque às ações individuais, ao não previsível e ao inesperado. “O papel dos pilotos britânicos foi crucial para decidir o desfecho da Segunda Guerra Mundial”. Para Prigogine, vivemos tempos de incerteza, de flutuações e os dados não foram lançados. Daí porque “as ações individuais continuam a ser essenciais” (PRIGOGINE, 2001, p. 19-20). Será que os historiadores seriam capazes, na época da Segunda Guerra, de prever o papel dos pilotos britânicos? Certamente, não. Sempre haverá o imprevisto, o inacessível, o desvio e a desordem que impulsionam novas ordens. Conceber a realidade a partir dessa perspectiva pode reduzir a ilusão de que a pesquisa é um raio X da história da matéria, da vida, dos fenômenos, das sociedades, do homem.

Dois importantes fragmentos da obra de Edgar Morin exibem com vigor alguns pontos críticos no que se refere à concepção da ordem e da prática de pesquisa movida pelo pensamento complexo. O primeiro fragmento discute a dialógica constitutiva da trindade ordem-desordem-complexidade e abre a segunda parte do livro *Ciência com consciência* em sua edição portuguesa (1982). O segundo fragmento inicia o capítulo III do livro *Sociologia*, em sua edição espanhola (1995) e expõe as reflexões do autor sobre uma pesquisa na comunidade de Plozévet no ano de 1960. Vamos por partes.

Para Além da Ordem

Por meio da metáfora dos três olhares, Morin (1982) sintetiza a evolução das ciências da matéria, da vida e do homem em suas relações com a ordem e a desordem. Quanto às ciências da matéria, diz o autor, o primeiro olhar só percebe a desordem: ao olhar para o céu, vemos um amontoado de estrelas dispersas ao acaso. Olhando uma segunda vez, percebemos

uma ordem cósmica, imperturbável – cada noite, aparentemente desde sempre, e para sempre, o mesmo céu estrelado; cada estrela no seu lugar; cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem porque há injeção de uma nova e formidável desordem nessa ordem; vemos então um universo em expansão, em dispersão; as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige-nos que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem (MORIN, 1982, p. 71).

Quanto às ciências da vida,

à primeira vista, era a fixidez das espécies, reproduzindo-se impecavelmente, de forma repetitiva ao longo dos séculos, dos milênios, numa ordem impecável. E depois, ao segundo olhar, parece-nos que há evolução e revolução. Como? Por irrupções do acaso, acidentes, perturbações geoclimáticas e ecológicas... e eis-nos confrontados com a necessidade de um terceiro olhar, isto é, de pensar conjuntamente a ordem e a desordem para conceber a organização e a evolução vivas. Quanto à história humana, inversamente, o primeiro olhar não foi o da ordem, mas o da desordem. A história foi concebida como a sucessão de guerras, de atentados, de assassinatos, de conspirações, de batalhas: foi uma história shakespeariana, marcada pelo *sound and fury*. Mas veio o segundo olhar, nomeadamente a partir do século passado [XIX], no qual se descobrem determinismos infraestruturais, no qual se procuram as leis da história, no qual os acontecimentos se tornam epifenomenais, e, muito curiosamente, desde o século passado as ciências antropossociais, cujo objetivo é todavia extremamente aleatório, esforçam-se por reduzir o acaso e a desordem, estabelecendo, ou julgando estabelecer, determinismos econômicos, demográficos, sociológicos (MORIN, 1982, p. 71).

Vê-se, assim, que enquanto as ciências naturais descobrem e tentam integrar a desordem à ordem, as ciências humanas tentaram expulsar a primeira. A partir dessa conclusão, Edgar Morin (1982, p. 72) sugere a necessidade de conceber “um quarto olhar, um novo olhar, isto é, um olhar dirigido para o nosso próprio olhar, como muito bem disse Heinz von Foerster”. Esse quarto olhar diz respeito a uma nova concepção de ordem e ao fato de nos incluirmos em nossa visão de mundo. O conceito de ordem não é simples nem monolítico, diz Morin. A noção de ordem ultrapassa pela sua riqueza e diversidade o antigo determinismo e as ideias de leis imutáveis, estabilidade, constância, regularidade, repetição, estrutura. “Isto significa dizer que a ordem se complexificou”; que há várias formas de ordem. Ela já não é anônima e geral, mas está ligada a singularidades (MORIN, 1982, p. 72-73). A nova ideia de ordem apela às noções de organização, interação, sistema e, sobretudo, “apela para o diálogo com a ideia de desordem”.

Compreende-se pois que “o conceito de ordem relativizou-se. Complexificação e relativização andam juntas. Já não existe mais ordem absoluta, incondicional, eterna” (MORIN, 1982, p. 73). Quanto à desordem, também ela transformou-se e ultrapassa a contingência do acaso, embora o comporte.

Direi mesmo que a ideia de desordem é mais rica do que a ideia de ordem, porque comporta necessariamente um polo objetivo e um polo subjetivo. No polo objetivo ela se manifesta nas agitações, dispersões, irregularidades,

instabilidades, perturbações, encontros aleatórios, acidentes, desorganizações, ruídos e erros (MORIN, 1982, p. 74).

No polo subjetivo ela se expressa pela indeterminabilidade e incerteza próprios dos sistemas complexos e do espírito humano.

Não é possível então conceber ordem sem desordem, nem desordem sem ordem. Um universo que fosse apenas ordem seria um universo sem devir, inovação, criação. Do mesmo modo, um universo que fosse apenas desordem não conseguiria construir organização, portanto seria incapaz de conservar a novidade, evoluir e se desenvolver, argumenta Edgar Morin.

Essa longa referência à dialógica que constitui o par ordem-desordem abre o caminho para a construção do tetragrama ordem-desordem-interação-organização, operador cognitivo importante do método complexo arquitetado por Morin. Tal tetragrama, longe de prefigurar um modelo pragmático para a construção do conhecimento pela pesquisa, requer e depende de um sujeito capaz de compreender e pôr em ação a dialógica entre organização e ambiente, objeto e sujeito. Do ponto de vista das ciências da complexidade, estamos diante de uma reconsideração do que seja o campo do conhecimento.

O campo real do conhecimento não é o objeto puro, mas o objeto visto, percebido e co-produzido por nós. Essa fenomenologia é a nossa realidade de seres no mundo. As observações feitas por espíritos humanos comportam a presença ineliminável da ordem, desordem e organização nos fenômenos microfísicos, macrofísicos, astrofísicos, biológicos, ecológicos, antropológicos etc. O nosso mundo real é o de um universo do qual o observador nunca poderá eliminar as desordens e de que nunca se poderá eliminar a ele mesmo (MORIN, 1982, p. 78).

Para Morin (1982, p.79), se dessas ideias não é possível inferir uma lição direta nem uma receita pragmática,

Há contudo um convite direto a romper com a mitologia ou a ideologia da ordem. A mitologia da ordem não está só na ideia reacionária segundo a qual toda inovação, toda novidade significa degradação, perigo e morte mas está também na utopia de uma sociedade transparente, sem conflito e sem desordem.

Essas considerações nem de longe permitem inferir abstrações desencarnadas de um intelectual desprovido da experiência da pesquisa. Assim como não opõe vida e ideias, assim também Morin (1969) não separa suas reflexões epistemológicas sobre o método e o pensamento complexo de suas investigações pontuais. É o caso, por exemplo, das pesquisas sobre “o rumor de Orléans” (que trata do desaparecimento misterioso de moças dos provadores de roupas em lojas de comerciantes judeus); ou sobre o comportamento da juventude francesa; ou junto à comunidade de Plozévet em 1965, a partir da qual discute a questão do método e das técnicas de abordagem na pesquisa de campo.

O Método Vivo

É curioso observar como a construção dos seis volumes de *O Método* – o primeiro volume publicado em 1977 – parece estar em período de incubação na pesquisa empreendida por Edgar Morin doze anos antes, na comunidade de Plozévet. No livro *Sociologia* (1995), um Edgar pesquisador-de-campo expõe a dupla face do mitológico Jano quando religa a prática etnográfica (observação, registros em diário de campo, entrevistas, questionários, gravação) com uma reflexão epistemológica sobre os labirintos da investigação. A perspectiva da qual parte nosso Jano-Edgar difere, substancialmente, dos postulados de uma

sociologia dominante que reduz a sociedade à exclusiva noção de sociedade pós-industrial, circunscreve o singular concreto em monografias descritivas e elimina pura e simplesmente o eventual, considerando-o como acidente, como contingente que precisa ser descartado para conceber a verdadeira realidade social, que tende à repetição, à regularidade, ou seja, à estrutura (MORIN, 1995, p. 186).

O eventual, no sentido de acontecimento ou fenômeno minoritário e não regular, tem uma importância crucial para a abordagem do processo de mudança social, segundo Morin. Ele é um “teste ativo” sobre o sistema no qual atua, ao mesmo tempo em que intervém de forma múltipla e decisiva na história humana. “Aquilo que era excluído como insignificante, imponderável ou estatisticamente minoritário, aquilo que perturba a estrutura ou o sistema, tudo isso para nós é extremamente significativo como revelador, desencadeante, enzima, fermento, vírus, acelerador, modificador” (MORIN, 1995, p. 189).

É exemplar a narrativa detalhada sobre como o grupo de pesquisadores fazia uso de técnicas de abordagem denominadas por Morin de vias de aproximação da realidade (observação fenomenográfica, entrevistas e participação nas atividades da comunidade, exibição de filmes etc.). Uma leitura superficial desse fragmento do livro *Sociologia* tenderia a ver ali uma receita de como fazer pesquisa de campo em comunidades. Sabemos, lamentavelmente, que são centenas os livros de receitas de pesquisa em todas as áreas do conhecimento. Nas ciências sociais esses manuais de metodologia causam fascínio, são consumidos fartamente e se constituem em lucro editorial certo. Distante da receita, entretanto, a centralidade da narrativa de Morin se situa na exposição de elementos reflexivos sobre os limites de uma sociologia paradigmática, monolítica e inflexível em suas práticas investigativas. Falando sobre o diário do pesquisador, dirá:

O diário não é uma acumulação de notas, é uma relação que, por si mesma, comporta uma rememoração em cadeia de fatos registrados inconscientemente (impressões, sentimentos), que pode ser um segundo olhar do próprio observador, uma matéria que permite iludir a relação observador-fenômeno, quer dizer, elucidar o problema-chave de todo esforço de objetivação: o par sujeito-objeto da investigação (MORIN, 1995, p. 195).

Autocrítica dos pesquisadores em equipe, avaliação permanente dos roteiros e caminhos previstos, iniciativa, flexibilidade, participação afetiva e, sobretudo, o uso da sensibilidade pessoal, são apostas e riscos das investigações multidimensionais. Na base dessas apostas está um “método que permite o desenvolvimento de um pensamento apto a ir do singular concreto à totalidade na qual se integra, e vice-versa” (MORIN, 1995, p. 192). Daí porque a observação deverá ser simultaneamente *panorâmica e analítica*.

Fazendo uso da literatura, estratégia narrativa habitual em toda sua obra, Edgar Morin usa aqui imagens preciosas para falar do pesquisador e das pesquisas. Para ele, precisamos atuar por vezes como Balzac (descrição enciclopédica da realidade), por vezes como Stendhal (observar o detalhe significativo). Nesse panorama, perde sentido a oposição entre micro e macropesquisa. Pergunta Morin (1995, p. 204): “É um paradoxo afirmar que quanto mais particular é um estudo, mais geral deve ser?”.

Próxima a uma ciência do sensível, a atitude fenomenológica expõe o horizonte das investigações alimentadas pelo pensamento complexo. “Se trata, portanto, a partir de um impulso fenomenológico, de oferecer alimento à teoria e ao concreto, ambos

correlativamente atrofiados, subdesenvolvidos, sufocados numa *middle range* entre a teoria e o concreto, pobre de uma e mutilada da outra” (MORIN, 1995, p. 187).

Um método vivo, em permanente reconstrução, capaz de articular objetividade e subjetividade. Princípios gerais que apelam e exigem criatividade, sensibilidade e inventividade do pesquisador, ao mesmo tempo em que permitem distinguir rigidez de rigor científico. Essa pode ser uma síntese provisória sobre o desafio do método complexo na atividade de pesquisa. E mais: longe do divórcio entre teoria e prática, pesquisa fundamental e pesquisa aplicada – tão a gosto das agências de fomento à pesquisa – é oportuno escutar mais uma vez Edgar Morin (1995, p. 206): “quanto mais empírica é a investigação, mais reflexiva ela deve ser”.

Criatividade e Método

Sinalizo agora para argumentos centrais sobre a questão do método, das metodologias e das técnicas de pesquisa. Limito-me a duas referências do autor nos volumes 1 e 3 de *O Método*. Lemos na primeira obra que o método

Opõe-se à concepção dita ‘metodológica’, na qual se reduz a receitas técnicas. O método cartesiano inspira-se num princípio fundamental ou paradigma. Mas aqui [no método complexo] a diferença reside precisamente no paradigma. Já não se trata de obedecer a um princípio de ordem (que exclui a desordem), de clareza (que exclui o obscuro), de distinção (que exclui as aderências, participações e comunicações), de disjunção (que exclui o sujeito, a antinomia, a complexidade) isto é, a um princípio que liga a ciência à simplificação lógica. Trata-se, ao contrário, a partir de um princípio de complexidade, de ligar o que estava disjunto (MORIN, [1979?], p. 26).

No *Método 3*, Edgar Morin é mais enfático ao fazer a distinção entre método e metodologia.

Deve-se lembrar aqui que a palavra *método* não significa de jeito nenhum metodologia? As metodologias são guias *a priori* que programam as pesquisas, enquanto que o método derivado do nosso percurso será uma ajuda à estratégia (a qual compreenderá ultimamente, é certo, segmentos programados, isto é, *metodologias*, mas comportará necessariamente descoberta e inovação). O objetivo do método é ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas (MORIN, 1999, p. 38).

A construção propositiva do método complexo de Morin inaugura uma concepção que permite diferenciar duas significações do termo *método* no interior do conhecimento científico. Assim, quando falamos de método como *programa* (sequência pré-estabelecida de passos que devem ser respeitados na investigação), estamos nos referindo ao método científico que emerge do paradigma da ciência cartesiana, da fragmentação. Quando falamos de método como *estratégia* (flexibilidade e mudança nos roteiros iniciais em função da dinâmica do tema ou da realidade observada), nos referimos ao método complexo que diz respeito a uma ciência em construção.

É à estratégia que apela o pensamento complexo. A criação de vias de abordagem (expressão que substitui metodologias para Morin) é o que se espera do sujeito sensível à complexidade do tema ou fenômeno que quer conhecer, com o qual quer dialogar. Aqui, certamente, o pesquisador abre mão dos cardápios de receitas oferecidos pelos manuais de pesquisa para criar suas próprias estratégias de abordagem, seus operadores cognitivos. Produzir um conhecimento pertinente é o que se espera dele: relacionar o fragmento e o contexto, o local e o global é a arte esperada das pesquisas multidimensionais e complexas. “Esta é a razão pela qual a investigação local exige também muita estratégia, invenção e, se quer ser ciência, também deve ser arte” (MORIN, 1995, p. 185).

Pesquisa como Religação de Saberes

Seria no mínimo contraditório discutir os desafios da pesquisa de base complexa e multidimensional sem ter experimentado esses desafios. É, pois, com a intenção de expor outras apostas, riscos e desafios que faço referência a uma pesquisa desenvolvida por mim, Wani Pereira e uma equipe flutuante de doutorandos, mestrandos e alunos de graduação desde o ano de 1986. Estou convencida de que, ultrapassando a noção paradigmática da pesquisa científica, esse é um projeto de vida. O contexto de referência empírica é o cenário da Lagoa do Piató (no estado do Rio Grande do Norte), seus habitantes, o ecossistema local, a vulnerabilidade climática, as mudanças na atividade pesqueira e os saberes tradicionais sobre o ambiente, a história do lugar, a medicina natural etc. Uma contextualização e a história crítica da pesquisa encontra-se em Almeida e Pereira (2006).

Como um laboratório vivo que instiga à produção de conhecimentos novos e à reflexão sobre a ciência nas áreas da biologia, ciências médicas, história, literatura,

etnomatemática e ecologia, entre outras, a pesquisa já fez nascer quatro teses de doutorado, três dissertações de mestrado, algumas monografias de graduação, além de alguns livros que registram os saberes de parte daquela população sobre temas diversos. *A natureza me disse* (2007) de autoria de um pescador-agricultor e construtor de barcos, talvez seja um exemplo da complexidade de um pensamento que se interroga simultaneamente sobre cosmologia, previsão climática e a incerteza do conhecimento nos níveis locais e globais.

Um estudo diagnóstico e crítico a respeito das condições ecológicas, econômicas e técnicas da atividade pesqueira, que se iniciou com o intercâmbio de pesquisadores das áreas de biologia, história e antropologia, operou uma mudança de interesses e objetivos com o passar do tempo. Centrada no desafio de fazer dialogar conhecimento científico e saberes da tradição, a pesquisa tem investido, fundamentalmente, em construir aproximações entre estratégias distintas do pensamento sobre os fenômenos do mundo.

Uma concepção aberta, mas persistente, a respeito da complexidade do conhecimento, da religação dos saberes e da atividade transdisciplinar tece o tapete das diversas pesquisas pontuais. Sintetizo assim essa concepção, tal como ela se apresenta no momento atual – pois ela tem se auto-organizado em função do caminhar das teses, mestrados, etc. A macroconcepção da qual partimos advoga a necessidade de diversificar a aposta na religação dos conhecimentos. Não se restringindo ao diálogo entre as áreas da ciência – ciência da matéria, da vida e do homem – a reorganização do conhecimento em patamares complexos requer o inadiável diálogo e complementaridade entre a ciência e outras cosmologias narrativas sobre o mundo.

Uma verdadeira nova aliança entre cultura científica e cultura humanística só é possível a partir de uma *ecologia das ideias* que acolha os saberes milenares da tradição dos quais se valem numerosas populações do planeta. Tal ecologia se afasta dos princípios relativistas de uma antropologia disciplinar que insiste em traduzir um saber em outro, em reduzir as estratégias múltiplas de um aos códigos interpretativos e analíticos do outro.

Utopia? Ampliação desmesurada da missão que nos cabe hoje? Talvez. Mas se esse horizonte é longínquo não há porque não abrir as primeiras picadas e caminhos marginais. Pesquisas e intervenções pontuais e mesmo minoritárias podem fazer chegar às escolas outros modos de ler, compreender e interpretar o mundo que não são contempladas nos pragmáticos e monolíticos currículos educacionais. Crianças,

adolescentes e professores abertos às surpresas e mistérios do mundo e do conhecimento poderão então compreender a já consagrada frase de Michel Foucault para quem “há mais ideias na terra do que os intelectuais imaginam”. Mais que isso, se compreendermos que intelectual é todo sujeito capaz de tratar de forma sistemática, permanente, com obstinação e incerteza os fenômenos à sua volta, teremos que ampliar o espaço desse personagem da cultura.

Distante da sacralização da ciência ou sacralização dos saberes da tradição, a religação dessas duas estratégias de conhecimento – diversas e múltiplas em seus próprios domínios – permitirá abrir brechas importantes na monocultura da mente (SHIVA, 2003) que caracteriza o grande paradigma do ocidente. (MORIN, 1993). As pesquisas pontuais, alimentadas pela perspectiva multidimensional e atentas à dialógica local-global e particular-universal têm um papel importante a desempenhar nessa direção. Mais que isso, por vezes são justamente as pesquisas pontuais a matriz à qual se recorre, permanentemente, para dar sustentação a reflexões mais ampliadas da realidade. Tal atitude fenomenológica oferece à substância viva quase sempre ausente prontuários teóricos da ciência da fragmentação.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição; PEREIRA, Wani Fernandes. *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história*. Natal: Editora da UFRN, 2006.
- MORIN, Edgar. *O Método 1: a natureza da natureza*. Tradução de Maria Gabriela Bragança. Portugal: Europa-América, s/d. [Edição brasileira: *O Método I – a natureza da natureza*. Tradução de Hilana Heineberg. Porto Alegre, Editora Sulina, 2002].
- MORIN, Edgar. *La rumeur d'Orléans*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria Gabriela Bragança Lisboa: Europa-América, 1982.
- MORIN, Edgar. *Sociología*. Tradução de Jaime Tortella. Madri: Tecnos, 1995.
- MORIN, Edgar. *O Método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- PRIGOGINE, Ilya. Carta para as futuras gerações. In: CARVALHO, E. de A.; ALMEIDA, M. da C. de. (Org.). *Ciência, razão e paixão*. Belém: Editora da UEPA, 2001.
- SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente*. Perspectivas da biodiversidade e da tecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Gaia, 2003.
- SILVA, Francisco Lucas da. *A natureza me disse*. Organização de Maria da Conceição Almeida e Paula Vanina Cencig. (Natal: Flecha do Tempo, 2007).